CONTO, NOVELA E ROMANCE

nos Astuciados de Euclides Neto

Cid Seixas

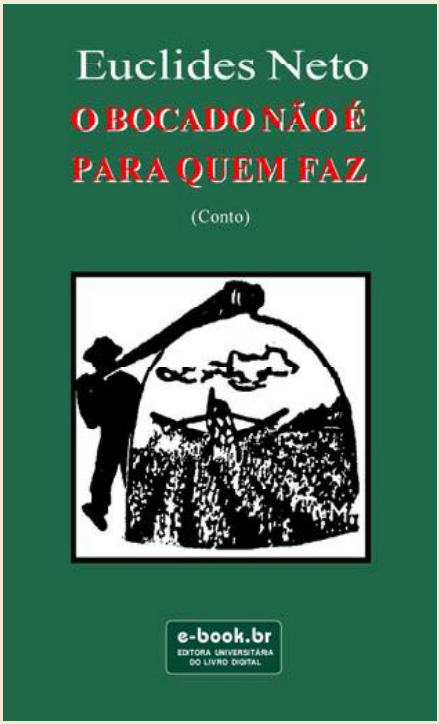
Graciliano Ramos compôs uma das suas obras principais, o romance *Vidas secas*, utilizando a técnica de sequenciamento de histórias. Para apresentar o painel de fome e miséria do nordestino, ele escreveu vários contos, através dos quais os personagens – tangidos do sertão pela seca – cumprem o destino comum de crianças, mulheres, homens e bichos do lugar.

Técnica de construção análoga marca o livro *Os genros*, publicado por Euclides Neto, em 1981, e igualmente caracterizado como romance. Na segunda edição, de 2014, como um dos treze volumes das suas obras completas, o também contista e romancista grapiúna Cyro de Mattos, na apresentação, revê a denominação tradicional, consagrada por ficcionistas, livreiros e outros agentes, levando os editores a classificarem o livro como uma novela.

Os estudos universitários dedicados à narrativa de ficção, desde o século passado, puseram em cheque a denominação desses (sub) gêneros – conto, novela e romance – derivados de um dos três grandes gêneros clássicos: o lírico, o épico e o dramático. No Brasil, foi o estudioso de origem libanesa Massaud Moisés, autor de livros essenciais dedicados à li-

teratura, o primeiro a abordar a questão de forma objetiva e esclarecedora.

Ainda nos anos cinquenta do século passado, ele esboçou uma teoria que em 1967 ganhou destaque no livro *A Cria-*



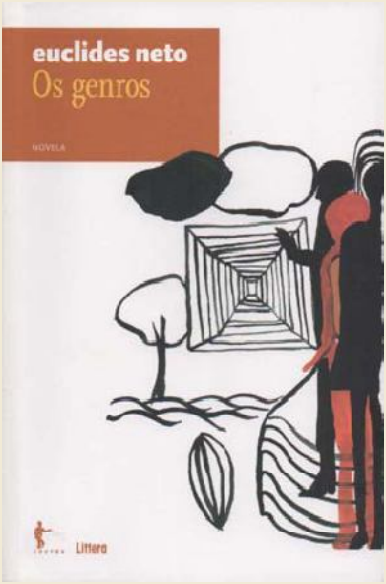
ção Literária, obra que na edição mais recente, de 2012, expõe os seus conceitos em quase mil páginas de informações especializadas. Criticando a diferenciação entre a novela e o romance, através do critério quantitativo, ele lança as bases do que hoje aceitamos com relativa concordância e incerta unanimidade.

Com a presença do estruturalismo nas ciências humanas, na segunda metade do século passado, o critério quantitativo na caracterização das narrativas de ficção deu lugar ao critério qualitativo. Verificou-se que o número de páginas não define o gênero a que pertence um texto. A diferença decorre da sua estrutura, da organização dos fatos narrados. Desse modo, considera-se conto uma narrativa que tem como eixo um único episódio, uma história simples, reunindo poucos personagens e situações que dão corpo ao que é contado.

A novela seria uma sequência de episódios, ou de contos, ligados por um ou mais personagens ou situações. Desse modo, tanto narrativas de poucas páginas, como *Vidas Secas*, ou de muitas e muitas páginas, como *As mil e uma noites*, são – igualmente – novelas.

Vitor Hugo escreveu uma série de romances que – reunidos – formam a obra intitulada *Os miseráveis*. Alguns personagens ora ocupam um lugar central, ora secundário nos cinco livros, ou nos cinco romances que constituem o conjunto. O elo que dá unidade a essa monumental novela é o destino do personagem Jean Valjean, condenado a duas décadas de prisão e trabalhos forçados, por ter roubado um pão para matar a fome dos filhos da sua irmã.

Já no livro *Os genros,* de Euclides Neto, o elo é a sequência de astuciados que têm



como cenário a cidade ficcional de Beira Rio. Além do lugarejo, que dá unidade às narrativas, alguns personagens reaparecem aqui e ali, como o fofoqueiro Bispo Lopes, uma espécie de doido manso do lugar, a quem era permitido dizer em voz alta as verdades mais inconvenientes e sussurradas, por todos, aos pés dos ouvidos.

É o criador desse mundo de astúcias quem diz, à página 20: "Vamos construir uma cidade e nela colocar os personagens."

Mas a ligadura dessas narrativas é constituida por um conjunto de personagens bem peculiares. São os caça-heranças, que almejam uma vida confortável, vencendo na "profissão" mais rendosa das terras do sem fim, o cobiçado ofício de genros dos abastados fazendeiros de cacau, no tempo das vacas gordas.

Assistindo de camarote às infindáveis e contraditórias lengalengas das discussões teóricas sobre os gêneros literários, o autor, com suas parabólicas antenas de artista, bispa os imbróglios em que se enrascou. Assim é que, já no primeiro parágrafo de *O bocado não é para quem faz,* Euclides Neto mete o bedelho:

"Ao menos os leitores abelhudos devem ter criado um grude nessa estória mal amanhada. Quando hoje se tem os casos liquefeitos na televisão, só gente besta vai prender-se no enredo de romance, tanto mais deste que nem se sabe se é romance mesmo ou simples desfastio de quem pretende espantar frustração."

Com tais palavras, aparentemente ingênuas e despretensiosas, ele assinala o fato de não ver a obra da qual foi extraída esta narrativa como um romance, mas como um conjunto de causos interligados.

O episódio – ou o conto – escolhido para formar este e-book é uma exceção temática. Enquanto quase todos os genros são espertos doutores de anel no dedo e pouca aptidão para o trabalho, o humilde Nozinho é um homem pobre, trabalhador e honesto, cujo destino é aturar de bom grado a velha sogra, que causou perdas e danos nos lares da filharada.

Tão pobre quanto o genro, Veialita percorreu as casas dos parentes mais abastados até esbarrar no casebre dos dois: Nozinho e Nozinha, marido e mulher, vivendo ao deus dará.

Assim como as histórias de *Os genros* têm seus personagens recorrentes, alguns deles reaparecem também ao longo de outros livros do autor. Tanto o popular e boquirroto Bispo Lopes quanto o esforçado advogado conhecido como Doutor Zequinha são velhos conhecidos dos leitores de Euclides Neto.

Esse último, pode-se afirmar, é um *alter ego* do escritor grapiúna. No e-book *O advogado e o burro ladrão,* o mesmo Doutor Zequinha aparece como um advogado sem posses a cuidar dos interesses dos seus ainda menos abastados constituintes. Neste novo livro eletrônico, a Veialita refere-se ao filho da comadre

Lourdes: "Você se lembra de Zequinha... aquele menino amarelo, cheio de pereba na cabeça, de tanto piolho". E completa a informação biográfica: "É advogado. Foi pra Bahia, se empregou lá com um padre e chegou formado."

Sabe-se que Euclides Neto, quando estudante, saiu do interior e foi fazer direito na capital da Bahia, onde para se manter trabalhou com um padre e ex-professor do colégio. Não sendo de família de posses, levou uma vida de aluno pobre, até chegar à condição de advogado, escritor e fazendeiro – mais comprometido com o meio ambiente do que com os resultados imediatos da produção e do negócio.

A narrativa que vamos ler, em seguida, é marcada por fina ironia e bem apurado conhecimento psicológico do contexto que compõe o cenário dos acontecimen-

tos. Graças a esses traços, o texto do artesão Euclides Neto proporciona, simultaneamente, ao mais exigente exegeta e ao mais despreocupado dos leitores – em busca do prazer e da alegria – o que de melhor a arte da escrita pode nos dar.

SEIXAS. Cid. Conto, novela e romance nos astuciados de Euclides Neto. Apresentação do livro eletrônico *O bocado não é para quem faz*. Copenhagen, E-Book.Br / Issuu, 2017, p. 11-18. https://issuu.com/euclides-neto/docs/4